

Magda Costa Carvalho

A NATUREZA
EM ANTERO DE QUENTAL
O PROJECTO DE UMA «METAFÍSICA POSITIVA»



temas portugueses

PRÓLOGO

A nossa opção pelo estudo anterior reporta-se aos dias da licenciatura em Filosofia na Universidade de Lisboa, talvez para compensar a continentalidade forçada com ecos e registos vindos da Ilha. Inicialmente embaixador do Arquipélago, e perante o pendor universal de um espírito mais ou menos omisso em termos de um açorianismo explícito e assumido, cedo Antero se impôs enquanto referência filosófica de eleição, quer pelo enigmático percurso existencial de quem buscou concretizar com o ser aquilo que lhe desvelava o pensar, quer pelo tom inquietante que exala de uma produção bibliográfica tão mais densa e intrincada quanto a sua reduzida extensão¹. Desta feita, afigurava-se-nos imensamente sugestivo o desafio de percorrer cada um dos seus textos na tentativa de des(cons)truir os inúmeros sentidos que os habitam.

Poucos anos passados, e agora já geograficamente regressada, foi enquanto assistente estagiária da Universidade dos Açores que se fez premente a oportunidade de retomar Antero como objecto de estudo das nossas provas académicas. A escolha pelo tema da natureza, trazido pelo Professor Doutor Leonel Ribeiro dos Santos logo no primeiro contacto, impôs-se essencialmente em duas frentes: pela centralidade do conceito no global pensamento [filosófico] do autor, que permite percorrer e as-

¹ A este propósito, Eça de Queirós, amigo e companheiro geracional de Antero, atesta que «a grande obra de Anthero, na verdade, foi a sua conversação. O que resta em Pamphletos, Artigos, Ensaios, representa tão incompletamente o seu pleno, rico, povoado, fecundo espírito, como seccas folhas d'arvore entre folhas de papel representam um fundo bosque da Florida» (E. de Queirós, «Um génio que era um santo», in *Anthero de Quental — In Memoriam*, p. 518).

sinalar a sua tendência polígrafa; e, contraditoriamente, por o mesmo constituir um aspecto até certo ponto descurado no âmbito de um mais sistemático estudo do corpus anteriano. Além disso, e numa ordem mais geral, em si a ideia de natureza constitui talvez o mais incómodo dos problemas enfrentados (e a enfrentar) por uma humanidade cada vez mais a braços com seduções tecnológicas e novidades virtuais.

Na sempre conturbada concretização que representa uma investigação desta natureza, não podemos deixar de assinalar o nosso reconhecimento face à intervenção de imprescindíveis apoios. Assim sendo, agradecemos a orientação científica do Professor Doutor Leonel Ribeiro dos Santos, na sempre pronta disponibilidade com que acolheu este projecto e na forma como conduziu todo o processo, permitindo-nos restabelecer os laços com a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, nossa instituição de origem.

Agradecemos o apoio institucional concedido pela Universidade dos Açores, nomeadamente ao seu Magnífico Reitor da época, Professor Doutor Vasco Garcia, e ao Director do Departamento de História, Filosofia e Ciências Sociais, Professor Doutor Carlos Cordeiro.

Inestimável se mostrou igualmente a cooperação recebida por parte dos docentes de Filosofia do Departamento, em especial o estímulo da Professora Doutora Maria do Céu Patrão-Neves, a sempre presente disponibilidade do Professor Doutor José Luís Brandão da Luz, o incentivo do Professor Doutor Carlos Amaral e o incondicional auxílio da Professora Doutora Gabriela Castro.

Agradecemos ainda ao Sr. Machado de Oliveira, colecionador de preciosidades bibliográficas, pelo valioso e célere apoio.

A escolha da via que nos trouxe até aqui fez-se também de encontros anteriores e de outra ordem: ao Mário, por nos ter colocado no afamado caminho da deusa; à Maria do Céu Brito, por ter mediado o primeiro contacto com Antero; ao Joaquim, por tudo o que soube patentear e ocultar na pedagógica arte de sermos aprendizes mais velhos; e a todos os Mestres com os quais, de uma forma ou de outra, aprendemos a caminhar.

No registo ainda mais originário, aos meus Pais e Irmã, pela concretização plena da ideia de Família; ao Ricardo, por ter tornado inestimável a fiel confiança que devotou ao trilhar deste percurso; e, de uma forma geral, aos Amigos, àqueles cujo apoio nunca se fez esperar.

Face à longa listagem que constitui este prólogo, um último reconhecimento pessoal diante da Força Divina que, desde sempre, cuidou de nos deixar (muito bem) entregues à vida.

INTRODUÇÃO

Assumir o propósito de investigar o pensamento anteriano com o objectivo de compor um registo de estrutura dissertacional é, a vários níveis, também a assunção de uma arriscada empresa. Desde logo porque o pensador ressalva, em inúmeras ocasiões, o seu próprio desconcerto em face da ânsia sistematizadora de tudo converter em classes e categorias especulativas pretensamente unívocas e de inquestionável concisão¹. A primeira, e porventura a mais arrojada, manifestação pública dessa disposição foi dada por Antero na coimbrã querela juvenil, decorria o agitado ano de 1865. Ainda que a questão despoletada pelo opúsculo *Bom Senso e Bom Gosto* tenha sido posteriormente resfriada, é impossível negar que o seu autor tenha sempre permanecido fiel ao fundamental princípio que norteou a polémica, a saber, a acérrima peleja a favor da independência do espírito e da liberdade de pensamento. «Graças ao deus da liberdade», afirma Antero em «A dignidade das letras e as literaturas oficiais», «não pertença por ora a nenhuma escola além da escola do pensamento e da franqueza.»² Assim sendo, em face da obra especulativa de um

¹ São paradigmáticas algumas afirmações de Antero, como é o caso da carta de 26 de Novembro de 1873 a Oliveira Martins, onde o autor afirma: «Ai da filosofia que não sabe satisfazer ao mesmo tempo a razão dos lógicos, a alma dos poetas e o coração dos fortes»; ou ainda da epístola de 25 de Julho de 1873, onde denuncia a Bulhão Pato os *tolos sistemáticos* que «cuidam que o sentimento vivo das coisas pode ser substituído por uma fraseologia morta e sem alma!» (A. de Quental, *Cartas*, I, pp. 225, 202.)

² A. de Quental, *Prosas da Época de Coimbra*, p. 298.

homem que nunca teve por objectivo filiar o seu percurso no registo escolar ou académico ³ — que, com grande probabilidade, poderia ter-lhe conferido pronta notoriedade — e que, para além disso, defendeu e representou um pensamento nos antípodas do espírito de sistematização, parece-nos adequada a inicial inquietação de podermos incorrer num imperdoável desrespeito hermenêutico.

Contudo, afigura-se-nos interessante sublinhar como, em determinados momentos, Antero se posiciona perante os resultados das suas prestações filosóficas: ao confessar-se a Carolina Michaëlis de Vasconcelos um *filósofo manqué* ⁴, não deixa de retomar o que, treze anos antes, havia escrito a Oliveira Martins: «Nasci poeta, e tenho sido obrigado pela força das ideias e das coisas e fazer-me filósofo. D'ahi as torturas moraes da minha vida.» ⁵ É precisamente neste seguimento que encontramos a demandada clareira que nos permitirá defender a total legitimidade do presente propósito: o esforço anterior por pensar de forma rigorosa e coerente o(s) sentido(s) de que se constituem o mundo e a vida, contextualizando nesse horizonte de significação as inquietações que, nos vários domínios, *pro-vocam* o seu espírito problematizador, afigura-se-nos uma legítima auto-ritização para as intenções e procedimentos da hermenêutica que compõe o trabalho filosófico.

Demonstrada que fica a existência de uma particular mundividência filosófica no *corpus* anterior, assumimos então o propósito de reconstituir as diversas acepções e contextos explicativos em que se desenvolve o específico conceito de *natureza*. Não

³ Em 1888, Antero é convidado, por Anselmo de Andrade, a assumir a regência de uma disciplina no projecto de reforma do Curso Superior de Letras. O poeta-filósofo prontifica-se a aceitar o cargo, porém é peremptório em sublinhar a sua indisponibilidade para a cadeira de Filosofia, justificando-se: «Pois é claro que quem tem, como eu, ideias tão pessoais sobre o assunto, e tão diversas das recebidas, não se pode sujeitar a ensinar a Filosofia oficial» (carta a Oliveira Martins de 3 de Fevereiro de 1888, in *Cartas*, II, p. 865).

⁴ Cf. *Cartas*, II, p. 748.

⁵ A. de Quental, *Novas Cartas Inéditas de Antero de Quental*, p. 51.

sendo o mesmo, por parte de Antero, alvo de uma análise sistemática meticulosamente explícita, tal facto não impede que a ideia de natureza se constitua como um dos núcleos temáticos essenciais ao pensamento do autor.

Dotado de uma vasta plurivalência semântica, ao longo da história do pensamento humano o vocábulo *natureza* tornou-se permeável a uma complexa e até ambígua densidade significativa⁶. Esta é uma tendência que se revela na obra de Antero e é nesse sentido que vamos surpreender uma acepção de natureza disposta a diversas perspetivações, numa crescente assunção de densidade filosófica, à medida que o pensador progride em maturação especulativa.

De uma maneira geral, e em termos alegóricos, Antero de Quental pinta uma natureza matizada a vários tons, porém num contínuo traço comum que a todos atravessa e unifica. De forma análoga o reproduziu plasticamente Mário Cesariny na tela *Anthero*. A composição desta obra numa estrutura formal triádica — por si só filosoficamente bastante sugestiva — e marcada pela distribuição e grad(u)ação de uma cor única, o azul, seduz grandemente a nossa análise. A ideia geral que orienta a tela de Cesariny faz socorrer a sua concretização de dois elementos constitutivos do espaço plástico: o toque e a iluminação. Mediante o que é sugerido por estes aspectos, o olhar do espectador é conduzido para a parte central do quadro, que não só escapa às rugosidades impressas pelo autor no tratamento material das faixas inferior e superior da tela, como também constitui o ponto de luz que se encarrega de distribuir claridade à restante composição. Assim sendo, a orla central de matizes azuis que atravessa o quadro apresenta-se como uma fenda ou abertura rasgada transversalmente no horizonte, analogamente aparentada com a *brilhante porta de luz* referida por Antero a Jaime de Magalhães Lima⁷. Para além de um *matagal povoado de criações nocturnas*, porventura próximo da faixa inferior da tela de Cesariny, segundo a referida

⁶ Para além de sugestivo, é paradigmático o excerto de R. Lenoble que segue em epígrafe.

⁷ Cf. carta de 13 de Outubro de 1886, in *Cartas*, II, p. 792.

carta do poeta-filósofo, encontrar esse pórtico de luz significa encaminhar o espírito humano para a concretização plena e harmónica da razão de ser da existência. A procura pela *porta d'ouro*, assumida também de forma poética no soneto «O Palácio da Ventura», constitui certamente aquele que é o essencial fio condutor da existência do pensador açoriano.

Não deixa de ser curioso que Antero, um homem cujo nome transporta etimologicamente o significado *florido*, tenha orientado toda a sua obra pelo paulatino desprendimento em face de uma mundividência efusiva e vicejante, preferindo, pelo contrário, a celebração dos mais etéreos meandros da existência. Mais ou menos longe da luminosa entrada para o sentido do ser, e apesar das conturbadas etapas a que o seu pensamento foi sujeito, o autor reconhece no final do seu percurso a chegada a uma segura plataforma especulativa e sente-se justamente premiado por ter escolhido desacreditar a região cega e obscura do movimento e devir naturais, reconhecendo que, a limite, a natureza é simplesmente uma vaga e longínqua imitação que, imperfeita, constitui o degrau inferior em direcção ao autêntico tipo da realidade, o espírito⁸. Tal como procuraremos demonstrar ao longo da presente investigação, a nosso ver reside neste ponto um dos essenciais ensinamentos anterianos.

A proposta reflexiva que aqui apresentamos divide-se em cinco capítulos que, embora distintos, obedecem a um determinado plano orientador. O primeiro desses capítulos constitui o que porventura mais facilmente se destaca do cômputo geral do trabalho: nascido a partir da procura de ecos outros no pensamento de Antero, a relação aí ensaiada com a obra *Nature*, do transcendentalista americano Ralph Waldo Emerson, resultou de uma atraente necessidade de deixar falar alguns aspectos que a investigação foi progressivamente desocultando.

O segundo capítulo, salvaguardando desde cedo a proximidade entre o registo da Poesia e o registo da Filosofia no pensamento de Antero, procura dar conta do tratamento poético do

⁸ Cf. carta autobiográfica a Wilhelm Storck de 14 de Maio de 1887, in *Cartas*, II, p. 838.

ÍNDICE

<i>Prólogo</i>	9
Introdução	11

CAPÍTULO I

ANTERO E *NATURE*, DE EMERSON: UM DIÁLOGO POSSÍVEL?

I.1. Antero transcendentalista?	21
I.2. A obra <i>Nature</i> na produção filosófica anteriana	30
I.2.1. A demanda antropológica pelo sentido	31
I.2.2. A moralidade na natureza	36
I.2.3. Deus ou o Espírito	37

CAPÍTULO II

A EXPRESSÃO POÉTICA DO NATURALISMO ANTERIANO

II.1. Poesia e Filosofia — contendas e compromissos	42
II.2. Pensar e sentir — a irmandade anteriana	48
II.3. Algumas notas sobre a <i>poesia filosófica</i> de Antero	52
II.3.1. Mais do que um <i>acrobata de rimas</i>	57
II.4. — Uma natureza poeticamente concebida	60
II.4.1. Referências filosóficas e indícios simbólicos nos <i>Sonetos</i>	64

CAPÍTULO III

O IMPERIOSO RETORNO À NATUREZA — TRAÇOS DE UM APELO CONSTANTE

III.1. A natureza (sub)valorizada — <i>morte e ressurreição de Cristo na mente de Antero</i>	76
III.1.1. Sob o signo da erosão do Cristianismo	78
III.1.1.1. Cristianismo e Catolicismo — ecos de uma oração fúnebre	86
III.1.1.2. O encontro de Antero com S. Francisco de Assis	94
III.1.2. «Pelas espirais da dúvida abaixo» — para uma renovada filosofia da religião	102
III.1.3. Antero e Oliveira Martins — Cristianismo e Helenismo	104
III.2. Um retorno proteico à natureza	107
III.2.1. Encontro e reencantamento da natureza — das desiluições do século à <i>Ordem dos Mateiros</i>	110

CAPÍTULO IV

O EVOLUCIONISMO ANTERIANO: O MATERIALISMO IDEALISTA COMO VIA PARA A AUTÊNTICA FILOSOFIA DA NATUREZA

IV.1. Cientismo e anticiência: o confronto anteriano com o positivismo	119
IV.1.1. Antero perante a Ciência — considerações iniciais	119
IV.1.2. A <i>epidemia positivista</i> — o (des)encontro com Teófilo Braga	125
IV.1.3. Para uma crítica da razão positiva	131
IV.2. O (des)encanto com o naturalismo metafísico alemão	134
IV.2.1. O naturalismo de Schelling no pensamento de Antero — alguns subsídios	140
IV.3. Evolução e <i>devenir</i> : um Programa em ruína ou um pensamento em processo?	146
IV.3.1. Traços e conceitos gerais do Programa	148
IV.3.2. A natureza — <i>névoa sobre o insondável?</i>	154

IV.4. Ciência e especulação — a nova síntese do pensamento num <i>materialismo idealista</i>	159
IV.4.1. «A filosofia da natureza dos naturalistas» — (pre)texto para uma crítica	159
IV.4.1.1. A censura ao naturalismo monista-evolucionista	162
IV.4.1.2. Tendências gerais do evolucionismo anteriano	170
IV.4.2. Homem e natureza — a <i>redenção</i> anteriana do estado de guerra	175

CAPÍTULO V

A ESPIRITUALIZAÇÃO GRADUAL E PERMANENTE DO UNIVERSO OU A RESOLUÇÃO DA FILOSOFIA DA NATUREZA NUMA FILOSOFIA DO ESPÍRITO

V.1. A cosmovisão anteriana, lugar ao sentimento moral	181
V.1.1. O eclectismo de Antero — breve(íssima) nota	181
V.1.2. O protesto da consciência	183
V.1.2.1. O hegelianismo concertado de Antero	185
V.2. Matéria, Espírito e Força — a chegada ao <i>pampsiquismo</i>	191
V.2.1. Leibniz, o <i>inventor do optimismo</i>	194
V.3. Espontaneidade — o fio de Ariadne no labirinto da natureza	202
V.3.1. <i>Espírito</i> , ou o ser que se resolve em espiral	205
V.3.2. Antero e a Esfinge: o <i>Santo</i> como decifrador do enigma universal	210
Desfecho	217
Um pensamento dialogado	218
Um naturalismo moderno	220
Um espírito inquieto	223
<i>Bibliografia</i>	225